

Revista Appai

EDUCAR

DIGITAL

Informação ao Profissional de Educação

ONDE A PRÁTICA ENCONTRA SENTIDO

EDIÇÃO ESPECIAL



Histórias do chão da escola que transformam vidas e reacendem esperanças

EXPEDIENTE

CONSELHO EDITORIAL

Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

JORNALISTA EDITORA

Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

DESIGNER

Yasmin Gundim

REVISÃO

Sandro Gomes

COLABORAÇÃO

Luiz André Ferreira
Sandro Gomes

COLABORAÇÃO DE TEXTOS E PESQUISAS

Jéssica Almeida

SUMÁRIO

4 EDITORIAL DA EDITORA
EDUCAÇÃO SE FAZ COM PRESENÇA!

5 LÍNGUA PORTUGUESA
UM POUCO SOBRE O MODO SUBJUNTIVO

7 MATEMÁTICA
DA SALA DE AULA
AO PÓDIO

11 MATÉRIA DE CAPA- 40 ANOS APPAI
ONDE A PRÁTICA ENCONTRA SENTIDO

27 LÍNGUA ESTRANGEIRA
WE GOT IT

31 EDUCAÇÃO AMBIENTAL
DO LIXO À APRENDIZAGEM

37 ALFABETIZAÇÃO
DA MINHA JANELA PARA O MUNDO

43 COLUNA SOCIOAMBIENTAL
CORAIS ESTÃO PERDENDO SUAS CORES

45 CONEXÃO EDUCAR
DA TELA PARA A SALA DE AULA

EDUCAÇÃO SE FAZ COM PRESENÇA!

EDITORIAL DA EDITORA — REVISTA APPAI EDUCAR DIGITAL



Celebrar os 40 anos da Appai, para a Revista Appai Educar Digital, é assumir o papel de quem observa, escuta e conecta. Nosso compromisso, ao longo de 2026, é transformar essa comemoração em narrativa viva, feita de histórias reais, práticas inspiradoras e reflexões que dialogam com o presente e apontam para o futuro da educação.

A revista integra essa celebração como espaço de visibilidade e sentido. Em cada edição, vamos destacar iniciativas, experiências e trajetórias que mostram como o cuidado com o educador, em sua integralidade, repercute diretamente na sala de aula, na escola e na comunidade.

É nesse contexto que lançamos a campanha “40 Professores que Inspiram e Transformam Vidas”. Ao longo do ano, a cada mês, um educador associado terá sua história apresentada nas páginas da

revista. Histórias que revelam dedicação, compromisso, transformação e impacto real e que, juntas, formarão um grande mosaico de inspirações ao final de 2026.

Mais do que homenagear, a proposta é reconhecer caminhos. Mostrar que práticas pedagógicas consistentes se fortalecem quando há apoio, acesso à cultura, ao lazer, à formação e ao bem-estar. Que ninguém transforma sozinho, e que toda trajetória inspiradora é construída em rede.

A Revista Appai Educar Digital seguirá, ao longo do ano, conectando passado e presente na construção do futuro. Dando voz a quem ensina, valorizando experiências e reforçando o profissional da educação como agente central de transformação.

Essa é a nossa contribuição para os 40 anos da Appai: contar boas histórias, com responsabilidade editorial e escuta atenta, ajudando a construir, desde já, o futuro que desejamos para a educação.

UM POUCO SOBRE O MODO SUBJUNTIVO

LÍNGUA PORTUGUESA • POR SANDRO GOMES*



Vamos falar um pouco sobre o subjuntivo, esse modo verbal que utilizamos quando estamos diante de uma ação de incerteza ou possibilidade? Pois é, muita gente tem dúvida quanto à ocasião correta de empregar, por isso a coluna vai agora esmiuçar essa questão. Para fazer isso, vamos abordar as duas formas de empregar verbos no subjuntivo, a simples e a composta.

Tempos do subjuntivo simples

Usamos a palavra “simples” porque empregamos um único vocábulo para expressar a ação, que nesse caso pode se desenvolver no presente, no pretérito imperfeito e no futuro. Vamos ver caso a caso?

Presente: com ele indicamos fatos prováveis, que têm possibilidade de ocorrer. Veja o exemplo.

*Espero que ele **seja** gentil!*

Imperfeito: usamos para indicar algo hipotético ou que exprima desejo. Observe.

*Se **estivéssemos** atentos, não cairíamos nesse golpe.*

Futuro: empregamos em orações adjetivas ou adverbiais. Veja.

*Os alunos **que vierem** à reunião terão preferência. (adjetiva)*

*Ficarei feliz **quando chegares**.
(adverbial)*

Tempos do subjuntivo composto

Nesse caso precisamos usar dois ou mais vocábulos para expressar o subjuntivo. Os tempos nesse caso são:

Pretérito perfeito: usamos em orações que se referem a um fato passado ou a um futuro não concluído. Veja.

*Ainda que eu **tenha sido** convidado, não me animei.*

Pretérito mais-que-perfeito: indica fato anterior a outro fato passado. Exemplo.

*Receberia a medalha, se já **tivesse acabado**.*

Futuro composto: empregamos no contexto de um fato já concluído. Observe.

*Quando eu **tiver ido**, não sinta saudades!*

Amigos, esses são os tempos em que o modo subjuntivo pode ser empregado. Você, com certeza, já os leu ou utilizou em algum momento, até porque classificações como essa que vimos acima não passam de sistematização didática para melhor compreendermos os muitos recursos expressivos que a língua portuguesa nos oferece. Até a próxima, pessoal!



*Sandro Gomes é graduado em Língua Portuguesa, Literaturas brasileira, portuguesa e africana de língua portuguesa, redator e revisor da Revista Appai Educar Digital, escritor e Mestre em Literatura Brasileira pela Uerj.

DA SALA DE AULA AO PÓDIO

MATEMÁTICA



Projeto de estudo orientado transforma o desempenho dos alunos e garante medalhas em competições nacionais e internacionais

A

Escola Municipal Francisco Caldeira de Alvarenga, localizada em Paciência, Rio de Janeiro, vem se consolidando como referência no ensino de Matemática graças a um projeto anual de estudo orientado idealizado pelo professor Renan da Silva Costa. A iniciativa, que envolve as 24 turmas da unidade escolar, tem como objetivo principal preparar os alunos para participar de diversas Olimpíadas de Matemática, desenvolvendo habilidades de resolução de problemas, pensamento crítico e aplicação da matemática em situações do cotidiano, além de fortalecer a confiança dos estudantes na disciplina.

O estudo orientado busca tornar a matemática mais atraente e significativa, conectando o aprendizado a áreas como finanças, ciência e tecnologia. A proposta inclui atividades intensivas que simulam a rotina das competições, como resolução de problemas complexos, análise de questões já resolvidas, aprofundamento conceitual em tópicos como álgebra, geometria e teoria dos números, além de simulações de provas realizadas sob pressão e tempo cronometrado.

Os estudantes também discutem soluções em grupo, analisam erros cometidos ao longo do processo e recebem acompanhamento contínuo com feedback dos professores, permitindo ajustes e estratégias personalizadas de estudo. Todas as atividades são adaptadas ao nível de dificuldade adequado à turma, criando uma experiência dinâmica e motivadora. Ao final de cada ano letivo, a escola realiza uma avaliação detalhada dos resultados do projeto, identificando pontos fortes, desafios e oportunidades de melhoria. Os dados coletados são apresentados à comunidade escolar, reforçando a transparência e a importância da participação coletiva no avanço do desempenho acadêmico.

Os resultados conquistados ao longo dos anos refletem a eficácia da proposta pedagógica. Na OBMEP, a unidade escolar acumulou performances e menções honrosas consecutivas entre 2016 e 2024, incluindo medalhas de bronze em diversas edições e destaque para estudantes como Daniel Lucas de Almeida Guedes e Vitor Rodrigo da Silva, este último multimedalista em diferentes competições. Na Olimpíada Carioca de Matemática, a escola atingiu números expressivos, como 29 medalhas de ouro, 34 de prata e 75 de bronze em 2021, além de conquistas significativas em 2022, 2023 e 2024. Alunos como Ana Clara Silva Lima e Miguel Augusto Pena foram premiados com viagens educativas para a Disney e a Nasa, evidenciando o impacto do projeto na trajetória dos estudantes.





O desempenho também se destaca em outras competições importantes, como o Concurso Canguru de Matemática, com medalhas de bronze, honra ao mérito e ouro em 2024; a Olimpíada Mandacaru, que rendeu premiações em 2023, 2024 e 2025; a Olimpíada Tangram de Educação Financeira, com conquista de ouro, prata, bronze e diversas menções honrosas; e a Olitef, onde a escola obteve medalhas de ouro e bronze, além de honras ao mérito em 2024.

Os depoimentos reforçam o impacto do estudo orientado na formação dos alunos. Para o ex-aluno multimedalista Vitor Rodrigo da Silva, a iniciativa foi essencial para o bom desempenho nas provas, permitindo aprofundar conhecimentos e se familiarizar com o estilo das questões. Já o diretor da unidade escolar, Nelson de Faria Neto, destaca o comprometimento da equipe docente e a formação integral dos estudantes, ressaltando que os resultados vão além das medalhas, contribuindo para a construção de jovens críticos, criativos e preparados para os desafios do futuro.

Escola Municipal Francisco Caldeira de Alvarenga

Rua Wilson Souza Pinheiro, s/nº – Paciência – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 23573-120

E-mail: emalvarenga@rioeduca.net

Professor responsável: Renan da Silva Costa

Fotos cedidas pelo professor

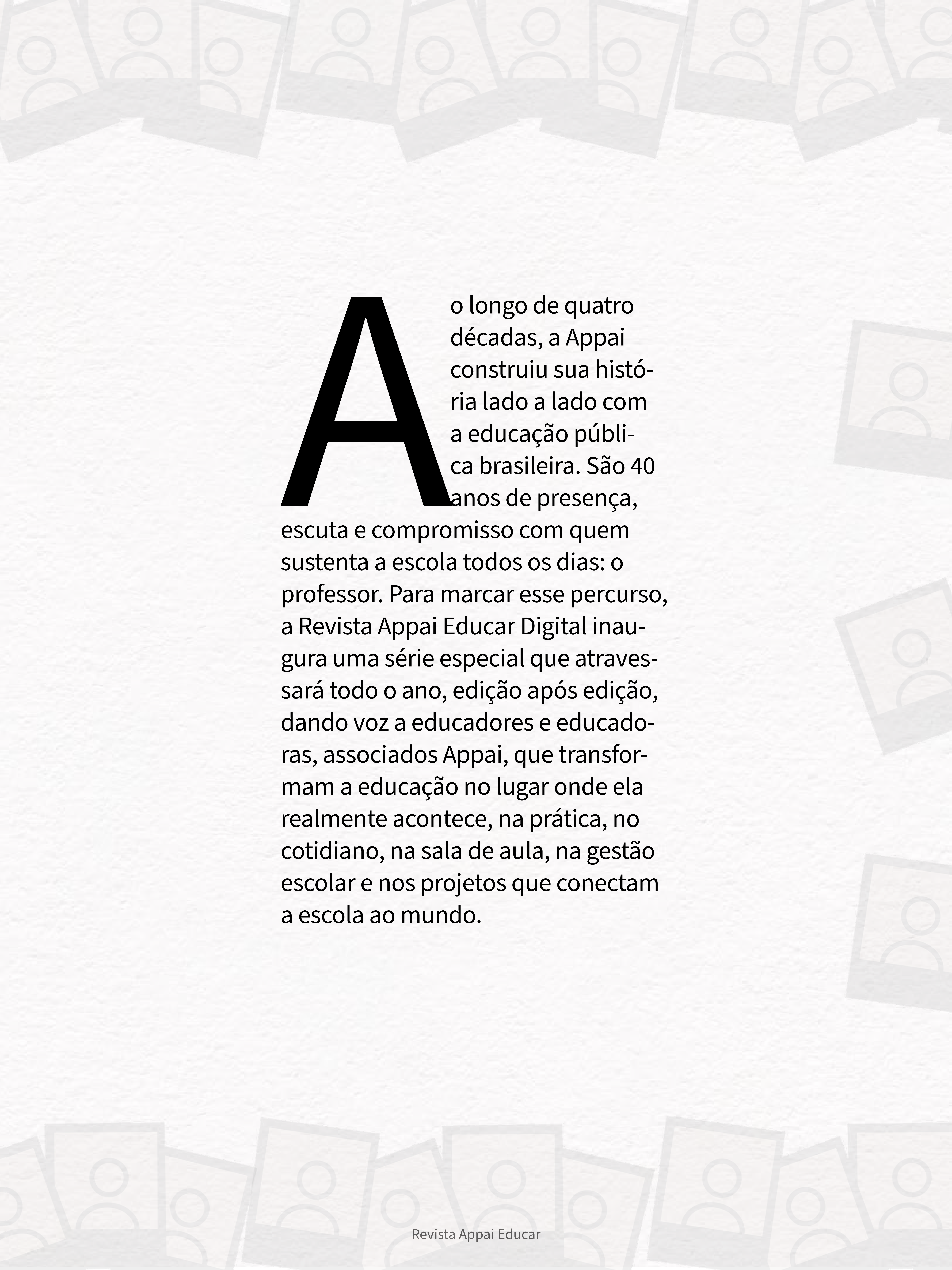


ONDE A PRÁTICA ENCONTRA SENTIDO

EDIÇÃO ESPECIAL — 40 ANOS APPAI • *POR ANTÔNIA FIGUEIREDO*

*Histórias do chão da escola que transformam
vidas e reacendem esperanças*





Ao longo de quatro décadas, a Appai construiu sua história lado a lado com a educação pública brasileira. São 40 anos de presença, escuta e compromisso com quem sustenta a escola todos os dias: o professor. Para marcar esse percurso, a Revista Appai Educar Digital inaugura uma série especial que atravessará todo o ano, edição após edição, dando voz a educadores e educadoras, associados Appai, que transformam a educação no lugar onde ela realmente acontece, na prática, no cotidiano, na sala de aula, na gestão escolar e nos projetos que conectam a escola ao mundo.

A cada mês, quatro profissionais da educação assumem o centro da narrativa para contar, em primeira pessoa, uma experiência real de transformação. Não se trata de modelos prontos, fórmulas ou discursos idealizados. São histórias vividas, construídas em contextos muitas vezes desafiadores, nas quais escolhas pedagógicas, sensibilidade e compromisso humano fizeram a diferença na vida de estudantes, famílias e comunidades inteiras.

O objetivo desta série é claro: reconhecer, valorizar e tornar visível o impacto transformador da prática docente, aquela que nasce no cotidiano da escola e reverbera muito além dos seus muros. Histórias que só se tornam possíveis porque encontram apoio em quem acredita, de forma consistente, que a educação é a base de todas as transformações sociais.

É nesse ponto que a Appai reafirma seu papel histórico. Por meio da Revista Appai Educar Digital e do pilar Educação, a associação sustenta, apoia e dá visibilidade a práticas que fortalecem o professor como agente central da mudança. Ao apostar na escuta, no reconhecimento e na circulação dessas narrativas, a Appai não apenas celebra seus 40 anos, ela renova seu compromisso com o presente e com o futuro da educação brasileira.

Mais do que celebrar o passado, esta série olha para o agora e aponta para o que ainda pode ser construído. Porque, no momento em que a prática do professor ganha voz, a educação se fortalece. E quando essas histórias circulam, elas não apenas emocionam, elas continuam, inspiram e transformam.



ONDE HOUVE ABRAÇO, HOUVE ESCOLA

A história da professora que transformou afeto em aprendizagem na pandemia

“O melhor lugar do mundo é dentro de um abraço”. Para Maura Cristina Silva, professora formada em Letras, com foco em Português e Literatura, essa frase nunca foi apenas bonita. Sempre foi método, escolha pedagógica e compromisso ético com a infância. Natural de São João del-Rei (MG), iniciou sua trajetória na rede municipal da cidade natal e, desde 2001, constrói sua história na do Rio de Janeiro, dedicando-se especialmente à alfabetização ancorada na Pedagogia do Afeto, aquela que entende que aprender começa pelo vínculo.

ATÉ QUE O MUNDO PAROU

Com a chegada da pandemia, vieram as escolas fechadas, o distanciamento absoluto, as crianças isoladas em suas casas. “O contato pelas redes sociais mostrou uma grande dificuldade de continuidade da aprendizagem”, relembra. Faltava algo essencial: a presença. Faltavam os olhos nos olhos. Faltavam os abraços.

E foi justamente aí que Maura decidiu não aceitar a ausência como resposta.

“Criei o Kit Abraço”

Sem sala de aula, sem carteira, sem quadro, mas com o mesmo compromisso de sempre, Maura teve uma ideia que unia cuidado, criatividade e responsabilidade. “Tive a ideia de ir ao encontro dos alunos”, conta. Surgia ali o Kit Abraço.

Vestida com equipamentos de proteção, capa, máscara, luvas e acompanhada de um carro de som, ela passou a visitar seus alunos. Tudo pensado para ser seguro, mas também mágico. O objetivo não era apenas manter contato, mas preservar o vínculo escolar, dizer às crianças e às famílias que a escola continuava viva, mesmo fora de seus muros. Era a pedagogia encontrando novos caminhos para continuar existindo.



A ESCOLA ENTROU NAS CASAS E NOS CORAÇÕES

Mais do que garantir a aprendizagem formal, a iniciativa revelou algo ainda mais profundo. “Essa experiência reafirmou que o processo de aprendizagem se dá por vínculos”, afirma Maura. O afeto, quando colocado no centro da relação pedagógica, transforma. Melhora a autoestima, desperta a vontade de aprender, fortalece a confiança da criança em si mesma e no grupo.

E há outro pilar essencial nessa história: a família. “Ela é fundamental no processo, que precisa acontecer não só na escola, mas também dentro de casa”. Durante a pandemia, essa parceria deixou de ser discurso e virou prática cotidiana. O impacto foi mútuo. Em um dos períodos mais difíceis da história recente, a escola se fez presença dentro dos lares. “Me tornei parte das famílias dos meus alunos, e eles da minha”. Houve partilha de dores, de alegrias, de apoio. Houve escuta. Houve cuidado. Houve abraço, mesmo quando ele precisava ser reinventado.





DA SALA DE AULA PARA O MUNDO

A força dessa iniciativa ultrapassou fronteiras. O Kit Abraço ganhou repercussão internacional e foi mencionado em uma reportagem do New York Times, que destacou estratégias inovadoras de professores brasileiros durante a pandemia. Mas, para Maura, o maior reconhecimento não veio de fora. Veio do brilho no olhar das crianças, da confiança das famílias e da certeza de que educar é, antes de tudo, estar disponível.

Porque, mesmo em tempos de distanciamento, ela provou que a escola pode e deve continuar sendo um espaço de encontro. E que, às vezes, o melhor lugar do mundo continua sendo exatamente onde ela sempre acreditou: dentro de um abraço.



QUANDO A INCLUSÃO DEIXA DE SER DISCURSO E VIRA ESCOLHA

A professora que transformou consciência em pertencimento dentro da sala de aula

“Laudo não define ninguém. A primeira inclusão é atitudinal”. Rosane Almeida dos Santos carrega mais de vinte anos de experiência na educação e uma certeza que atravessa toda a sua trajetória: educar é formar cidadãos capazes de viver em sociedade com ética, empatia e responsabilidade. Pedagoga, psicopedagoga, neuropsicopedagoga, palestrante, atualmente professora articuladora pedagógica no Estado do Rio de Janeiro e professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) na rede municipal, ela acredita que a Educação é o caminho mais consistente para a construção de um mundo melhor. E foi essa convicção que orientou uma das experiências mais marcantes de sua carreira.

UM ALUNO, UMA TURMA, UM DESAFIO COLETIVO

Em junho de 2017, Rosane assumiu uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal do Rio de Janeiro. Aquele grupo estava, desde o início do ano letivo, sem professora regente, uma lacuna que já dizia muito sobre os desafios enfrentados. Entre os alunos, havia um menino com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ainda sem laudo naquele momento.

Inteligente, participativo, mas visivelmente isolado, ele enfrentava dificuldades de interação com os colegas. Em alguns momentos, a convivência era tensa. O problema, para Rosane, não estava na criança. Estava na urgência de construir um ambiente verdadeiramente inclusivo. “Aquele aluno precisava ser incluído e integrado de verdade à turma”, afirma.

INCLUSÃO SE ENSINA E SE APRENDE

Percebendo que o caminho passava pela conscientização, Rosane decidiu agir. Desenvolveu um trabalho contínuo com a turma, usando vídeos curtos, debates, pesquisas, rodas de conversa e explicações claras sobre inclusão, diversidade e respeito às diferenças. Falou sobre as particularidades de cada pessoa, sobre as diversas deficiências e, principalmente, sobre a importância de olhar o outro com humanidade.

O trabalho não foi pontual. Aconteceu ao longo do tempo, desde o momento em que identificou a situação até o final do ano letivo. Inclusão, ali, não era evento, era processo.

O DIA EM QUE O PERTENCIMENTO ACONTECEU

O impacto se tornou visível em uma aula aparentemente simples: uma atividade em grupo. Ao organizar a proposta, Rosane observou algo que a emocionou profundamente. Dos cinco grupos formados, três convidaram para participar espontaneamente o colega que antes permanecia à margem.

“Foi muito gratificante ver a fisionomia dele”, relembra. Pela primeira vez, o aluno não precisaria ficar com quem o aceitasse por falta de opção. Ele podia escolher. Podia pertencer. Como qualquer outro. A atividade foi um sucesso. Mais do que conteúdo, desenvolveu nos alunos valores que extrapolam a escola: tolerância, compreensão e empatia, aprendizados que a vida cobra em muitos momentos.

UMA TURMA TRANSFORMADA E UMA CERTEZA REAFIRMADA

A partir daquela experiência, a convivência mudou. A turma se tornou mais amiga, respeitosa e solidária. A inclusão deixou de ser um conceito abstrato e passou a ser vivida no cotidiano.

Para Rosane, essa vivência reafirmou sua missão como educadora: lutar por uma inclusão real, concreta, possível. “Incluir é um grande desafio. Exige braços, consciência, conhecimento e sensibilidade”. E ela reforça: tudo começa pela atitude.

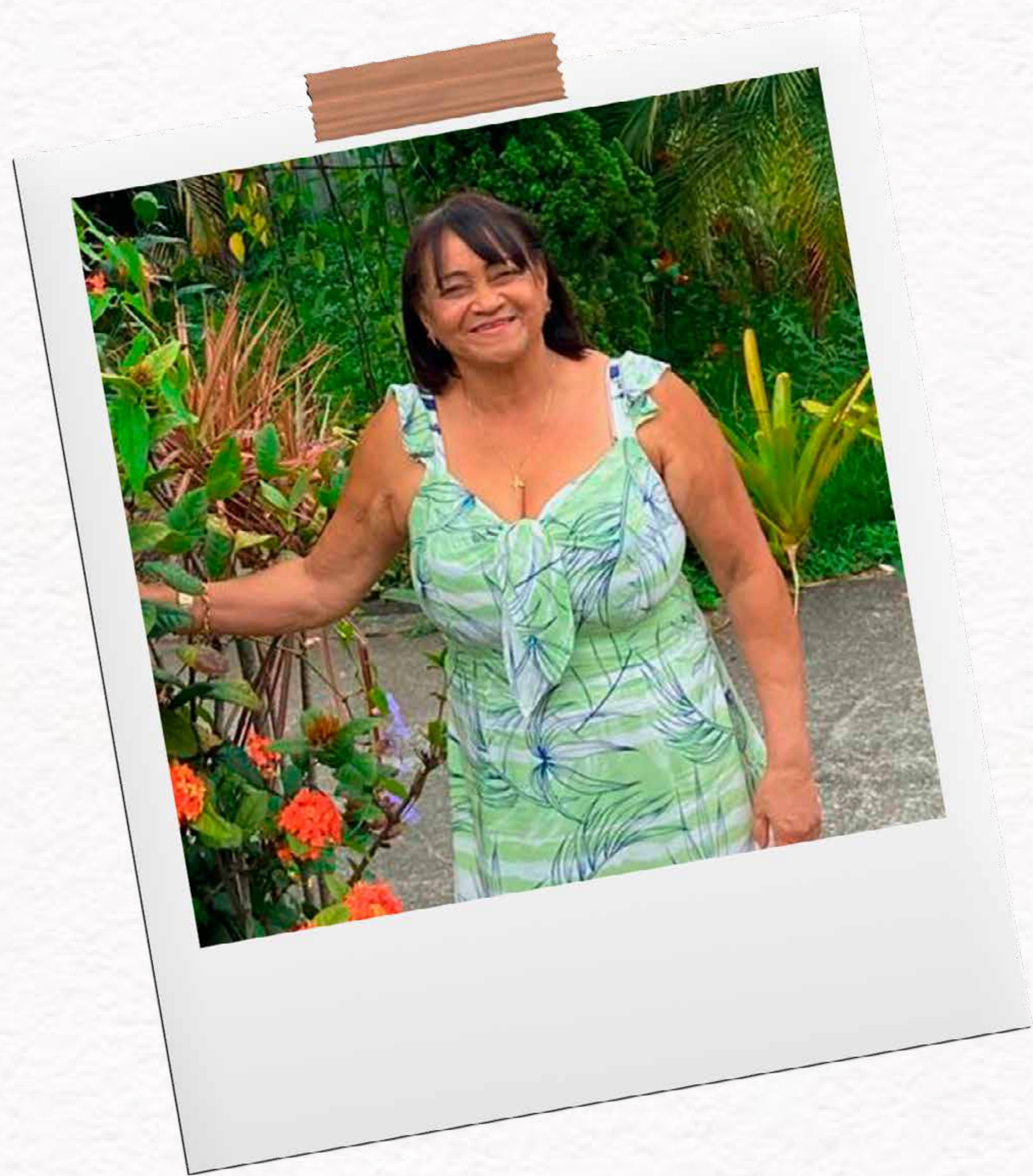
Porque laudos não definem pessoas. Limites existem para serem superados. E a escola, quando escolhe incluir, ensina muito mais do que qualquer conteúdo previsto no currículo. Ensina a ser gente.



QUANDO LIDERAR FOI APRENDER A ESCUTAR

A diretora que transformou diálogo em pertencimento e protagonismo

“A educação transforma quando acredita no potencial de cada aluno e caminha com eles na construção do futuro”. Sandra Pereira de Oliveira nunca acreditou em uma escola conduzida de cima para baixo. Professora da rede pública estadual e ex-diretora do Colégio Estadual Dom Adriano Hipólito, no Centro de Nova Iguaçu (RJ), ela sempre enxergou a educação como um encontro, entre pessoas, histórias, expectativas e sonhos que ainda estavam aprendendo a ganhar forma.



Mesmo em uma escola pública localizada em região central, onde muitos estudantes chegavam com esperança e planos para o futuro, o desafio persistia silencioso: como manter o brilho aceso todos os dias? Como fazer com que a escola continuasse fazendo sentido para quem entrava por seus portões? Sandra entendeu cedo que engajamento não se impõe. Se constrói.

A ESCUTA COMO PONTO DE PARTIDA

Durante sua gestão, ela fez uma escolha que não aparece em relatórios, mas muda tudo no cotidiano: escutar. Escutar alunos, professores, funcionários, famílias. Criar espaços reais de diálogo e transformar a gestão em um exercício diário de presença.

A liderança democrática deixou de ser conceito para virar prática. Projetos interdisciplinares ganharam vida, ações culturais passaram a ocupar os corredores e a escola começou a pulsar para além do currículo. Aos poucos, os estudantes passaram a perceber que suas vozes importavam. Que a escola também era deles. E quando o jovem se sente visto, algo muda.

QUANDO A ESCOLA VIRA LUGAR DE PERTENCIMENTO

O clima foi se transformando. A escola se tornou mais organizada, mais acolhedora, mais viva. Os alunos passaram a participar com mais envolvimento, assumindo responsabilidades e se reconhecendo como protagonistas do próprio percurso. A escola deixou de ser apenas um espaço de passagem e passou a ser um lugar de construção de projetos de vida. Um lugar onde errar fazia parte do aprender, onde dialogar era regra, onde crescer era possível.

Nada disso aconteceu por acaso. Foi resultado de escolhas feitas com coragem, sensibilidade e compromisso humano. Na trajetória de Sandra, fica uma certeza silenciosa e poderosa: liderar é caminhar junto. É confiar que, quando alguém crê no potencial de um aluno, ele aprende a acreditar em si mesmo. E quando isso acontece, a escola cumpre sua maior missão.



A LEITURA ABRIU CAMINHOS ONDE ANTES SÓ HAVIA MUROS

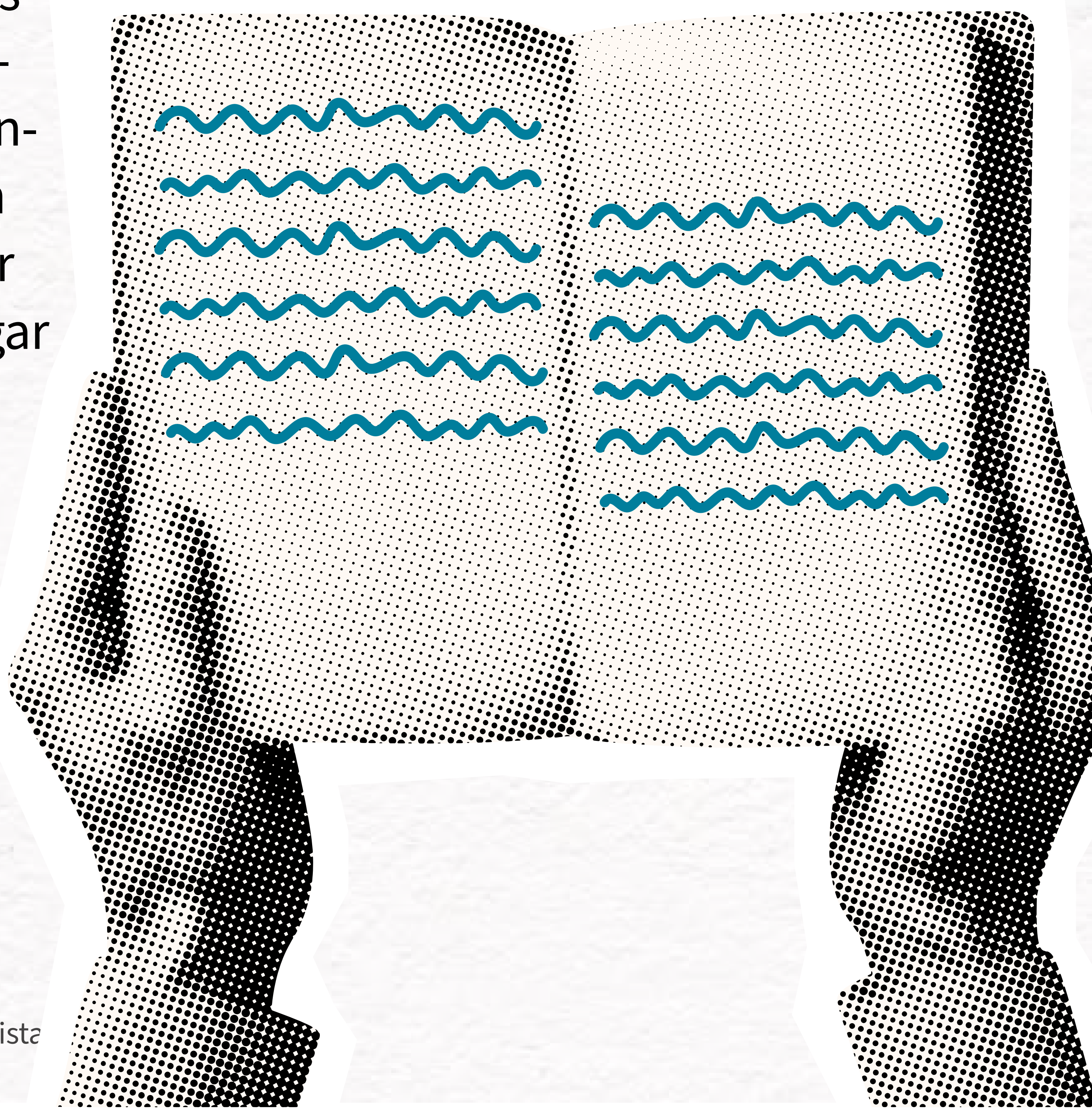
A professora que transformou resistência em esperança

Priscila de Albuquerque Lima aprendeu cedo que, quando tudo parece bloqueado, é preciso procurar uma fresta. Professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, atuando no Ciep Herivelto Martins, em Senador Vasconcelos, na Zona Oeste da cidade, ela não chegou à educação por acaso. Sua primeira formação foi em Serviço Social. Foi no contato com jovens em situação de vulnerabilidade que entendeu que aquele seria o caminho mais potente para transformar vidas. E, dentro dela, a leitura sempre ocupou um lugar central.

O desafio se apresentou quando Priscila assumiu uma turma de 3º ano composta por alunos com idades que chegavam a 16 anos. Muitos enfrentavam extrema dificuldade de leitura e escrita, histórico de repetências, baixa frequência escolar e episódios constantes de agressividade. Eram estudantes marcados por sucessivas rupturas, que já haviam entrado e saído de projetos e carregavam pouca confiança na própria capacidade de aprender.

Diante daquele cenário, Priscila fez uma escolha decisiva. “Não adiantava passar o ano listando todos os motivos pelos quais a turma não alcançaria os objetivos”. As falhas do sistema eram conhecidas, assim como as questões sociais, familiares e de saúde que atravessavam aquelas trajetórias. Mas, naquele momento, uma certeza se impôs: eles eram seus alunos. E era preciso encontrar um caminho. A resposta veio do lugar mais íntimo da sua história: ler.

A leitura passou a ocupar todos os espaços da sala. Ler de tudo. Ler sempre. Ler juntos e sozinhos. Ler para compreender, interpretar, ilustrar, dramatizar. Ler por prazer. A sala inteira virou um convite permanente à leitura. Livros espalhados, produções autorais, releituras, jornais, diários, críticas literárias, jogos, dramatizações. Surgiu até um clube do livro. Cada aluno participava a partir de suas habilidades, com respeito aos limites, mas com a certeza de que todos tinham um lugar naquele processo.





No início, houve resistência. Silêncio durante as leituras em voz alta. Desconfiança. Mas, dia após dia, algo começou a mudar. Aos poucos, os alunos passaram a perceber que ler podia ser bom. As brigas diminuíram, a frequência aumentou e a participação se tornou rotina. Os resultados pedagógicos começaram a aparecer, primeiro tímidos, depois consistentes o suficiente para devolver àqueles estudantes algo fundamental: a esperança em suas próprias trajetórias escolares.

Com o tempo, as transformações extrapolaram a sala de aula. Os alunos passaram a querer ler por conta própria, disputavam livros para levar para casa e sugeriam títulos para o clube do livro, alguns contemporâneos, outros nem tanto. Talentos criativos e expressivos, antes escondidos atrás da agressividade e dos problemas de comportamento, vieram à tona. As famílias também passaram a perceber as mudanças.

Hoje, ao revisitar essa trajetória, Priscila carrega uma convicção que orienta sua prática: os livros podem, sim, reconstruir caminhos. Sua história reafirma que não existem alunos inalcançáveis. Existem histórias que ainda não encontraram o livro certo, o tempo adequado e o olhar disposto a insistir. Naquele Ciep da Zona Oeste, foi a leitura que abriu frestas, derrubou muros e ampliou horizontes.

Porque educar, quando é feito com intenção e afeto, continua sendo uma das formas mais poderosas de transformar vidas.

Fontes:

- Priscila de Albuquerque Lima é associada Appai, professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, atuando no Ciep Herivelto Martins, em Senador Vasconcelos.
- Sandra Pereira de Oliveira é associada Appai, professora da rede pública estadual e ex-diretora do Colégio Estadual Dom Adriano Hipólito, Nova Iguaçu (RJ).
- Rosane Almeida dos Santos é associada Appai, pedagoga, psicopedagoga, neuropsicopedagoga, palestrante, atualmente professora articuladora pedagógica no Estado do Rio de Janeiro e professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) na rede municipal.
- Maura Cristina Silva é associada Appai, professora formada em Letras, com foco em Português e Literatura dedicando-se especialmente à alfabetização ancorada na Pedagogia do Afeto.

WE GOT IT

LÍNGUA ESTRANGEIRA

Projeto estimula prática real da língua inglesa e reforça o vínculo com a comunidade escolar



**LEARN
ENGLISH**



O projeto *We Got It*, idealizado pela professora Luciana Nascimento Pontes dos Santos, vem transformando a experiência dos alunos das turmas de 5º ano do Ensino Fundamental nas aulas de Língua Inglesa no Colégio Adventista de Duque de Caxias. Com o objetivo de aumentar o uso do idioma em sala de aula, a iniciativa se destaca por estimular a fala, a leitura e a confiança dos estudantes por meio de atividades práticas e criativas.

Durante o desenvolvimento do projeto, os alunos produziram diversos vídeos em inglês, nos quais treinaram leitura e conversação. Com autorização prévia das famílias, esses materiais foram enviados pela comunidade da escola no WhatsApp, permitindo que os pais acompanhassem de perto o que os filhos estavam aprendendo. A estratégia fortaleceu o vínculo entre escola e família e ampliou o engajamento dos estudantes.

A culminância do projeto aconteceu no dia de Ação de Graças, quando o trabalho foi apresentado para toda a comunidade escolar. No final do ano, a atividade também será compartilhada em um encontro especial com familiares, celebrando as conquistas dos alunos.





Os resultados já são evidentes. Segundo a professora Luciana Nascimento, o projeto foi um sucesso e as aulas de inglês ficaram muito mais divertidas. “Os pais puderam assistir aquilo que os seus filhos vivenciavam na escola. O resultado foi muito positivo”, conta. Para a aluna Elloá Vitória Dias da Silva, a experiência também foi marcante. “Achei o projeto muito legal e pude treinar o meu inglês”, afirma.

Com foco no aprendizado ativo e na participação familiar, o projeto *We Got It* se firma como uma iniciativa de destaque no incentivo ao inglês e no fortalecimento da comunicação dentro da comunidade escolar.

Colégio Adventista de Duque de Caxias

Rua José de Souza Herdy, 242 – Jardim
25 de agosto – Duque de Caxias/RJ

CEP: 25075140

E-mail: atendimento.cadc@adventistas.org

Idealizadora do projeto: Luciana Nascimento Pontes dos Santos

Diretora: Thamyres Sobral Antunes de Moura

Fotos cedidas pela professora

DO LIXO À APRENDIZAGEM

EDUCAÇÃO AMBIENTAL • *POR ANTÔNIA FIGUEIREDO*



*Projeto transforma resíduos
em criatividade, consciência
ambiental e protagonismo*

Em um tempo marcado pelo consumo acelerado e pelo descarte constante, a escola reafirma seu papel formador ao ensinar que aprender também é cuidar do mundo. Foi a partir dessa compreensão que nasceu o projeto *Cultura Maker na Escola – Sustentabilidade em Ação*, desenvolvido com alunos do 7º e 9º anos do GET José Maria Bello, no bairro de Padre Miguel, na cidade do Rio de Janeiro.

Idealizada pelo professor articulador Lucio Panza, a proposta partiu de um princípio simples e potente: estimular a criatividade e o pensamento *maker* a partir do reaproveitamento de materiais que, normalmente, seriam descartados. Papelão, palitos de pirulito, tampas plásticas e garrafas PET se transformaram em ponto de partida para novas aprendizagens.

CRIAR PARA APRENDER: A CULTURA *MAKER* EM AÇÃO

Ao longo do projeto, os estudantes foram convidados a assumir o protagonismo do próprio processo de aprendizagem. A cultura *maker* entrou em cena como estratégia pedagógica para desenvolver inovação, autonomia e consciência ambiental, unindo teoria e prática de forma significativa. As atividades incluíram rodas de conversa e debates sobre consumo consciente, pesquisas sobre os resíduos produzidos na escola e em casa, além de oficinas práticas de criação com materiais recicláveis. A sustentabilidade deixou de ser apenas um conteúdo conceitual e passou a fazer parte do cotidiano escolar.



SUSTENTABILIDADE QUE SE CONSTRÓI COM AS MÃOS

Integrado às disciplinas de Projeto Integrador e Ciências, o *Cultura Maker* ampliou o olhar dos alunos sobre o impacto ambiental de suas escolhas e sobre as possibilidades de transformação a partir do reaproveitamento de resíduos. “Eu achei o projeto bem legal porque, através de objetos descartáveis, podemos representar a natureza e o mundo”, conta Jefferson Nascimento Silva dos Santos, aluno da turma 702, ao destacar como o aprendizado ganhou novos significados. “Mais do que produzir objetos, os estudantes passaram a compreender que sustentabilidade é atitude, reflexão e responsabilidade coletiva”, destaca o professor Lucio Panza.

CULMINÂNCIA: CRIATIVIDADE EM EVIDÊNCIA

A culminância do projeto reuniu a comunidade escolar em um momento de celebração da criatividade e do trabalho colaborativo. Os objetos produzidos pelos alunos foram apresentados em uma exposição interna, com direito à votação das criações mais engenhosas, valorizando o empenho e a originalidade de cada grupo. Robôs, esculturas e diferentes construções ganharam espaço e visibilidade, despertando orgulho nos estudantes e reforçando a noção de que a escola é um lugar onde ideias podem ganhar forma. “Construí um robô junto com meus amigos e o meu professor com plástico, papelão, palitos de pirulito e coisas que ninguém usava mais”, relata Ruan Vicente Farias, da turma 901, traduzindo o espírito do projeto: criar, aprender e reaproveitar juntos.



RESULTADOS QUE PERMANECEM

Entre os principais resultados alcançados estão o engajamento dos alunos, o fortalecimento da consciência ambiental e a redução do desperdício no ambiente escolar. O impacto positivo foi tão significativo que o projeto passou a integrar o planejamento anual da escola, garantindo sua continuidade e ampliação. Os resultados obtidos pelo projeto evidenciam que, quando a aprendizagem faz sentido, ela permanece e se multiplica.

EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA HOJE E PREPARA PARA O AMANHÃ

O projeto *Cultura Maker na Escola* mostra que educar para a sustentabilidade não exige soluções complexas, mas intencionalidade pedagógica, escuta e confiança no potencial dos estudantes. “Ao colocar as mãos na massa, os alunos aprendem que pequenas ações podem gerar grandes transformações. Porque, no fim das contas, sustentabilidade não é conteúdo extra. É formação para a vida”, afirma o professor.

GET José Maria Bello

Rua Buíque, s/nº – Padre Miguel – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21775-310

E-mail: embello@rioeduca.net

Projeto enviado por:

Professor articulador Lucio Panza

Tel.: (21) 97428-3434

E-mail: lucio.silva@rioeduca.net

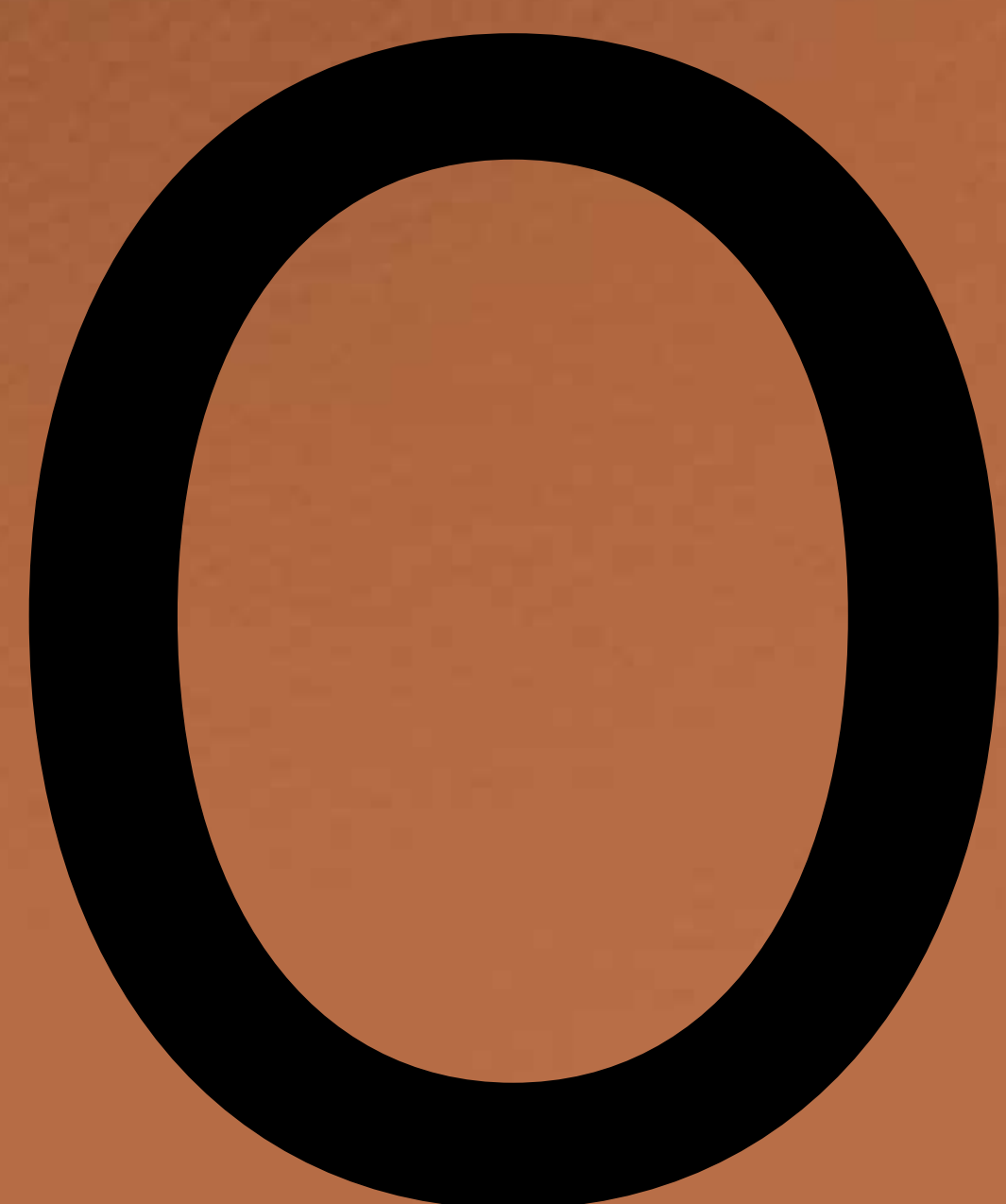
Fotos cedidas pela escola

DA MINHA JANELA PARA O MUNDO

ALFABETIZAÇÃO

Iniciativa valoriza identidade, leitura e escrita por meio de vivências reais dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental





projeto *Da minha janela para o mundo*, idealizado pela professora Renata Torres Carvalho a partir de sua partici-

pação e premiação em primeiro lugar no concurso Magda Soares, tem transformado as práticas de leitura e escrita no Ciep 411 – Escola Municipalizada Dr. Armando Leão Ferreira. Voltado para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, o trabalho promove uma alfabetização significativa, conectada às vivências reais das crianças e às múltiplas linguagens que compõem seu cotidiano.

A iniciativa nasce com o propósito central de valorizar as “escrevivências” dos estudantes, estimulando que cada criança expresse sua identidade, suas percepções e seu olhar sobre o mundo. Para isso, o projeto integra leitura, releitura, adaptação literária, escrita, oralidade e exploração sensível do ambiente, envolvendo as disciplinas de português, artes, ciências, geografia e história.

QUANDO A ALFABETIZAÇÃO ENCONTRA O COTIDIANO

O desenvolvimento do projeto ocorreu em etapas articuladas, garantindo inclusão, participação ativa e protagonismo infantil. As atividades tiveram início com rodas de conversa nas quais os alunos compartilharam observações feitas “de suas próprias janelas”. Esses registros foram produzidos por meio de desenhos, colagens, mapas afetivos e diferentes recursos visuais e táteis, respeitando ritmos e habilidades individuais.

Releituras acessíveis de histórias clássicas, como “A Dona Baratinha”, e leituras ao ar livre ampliaram o prazer literário e estimularam a imaginação. A abordagem da obra “Da minha janela”, de Otaviano Júnior, inspirou novas produções, com os alunos sendo estimulados a construir textos autorais, relatos, cartas, poemas e descrições, de forma individual e coletiva. Diferentes linguagens, como fotografia, colagem, dramatização e ferramentas digitais, apoiaram o processo, assegurando práticas inclusivas e respeitando os diversos níveis de alfabetização.





Uma atividade que fortaleceu o entendimento da escrita como registro das experiências vividas foi a construção de mapas afetivos da comunidade, relacionando lugares significativos a memórias e sentimentos. Já os jogos pedagógicos e as dinâmicas inspiradas nas histórias lidas promoveram cooperação, oralidade e expressão criativa.

PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR

As crianças também entrevistaram pais, responsáveis e profissionais da escola, registrando memórias e percepções. O conteúdo alimentou novas produções textuais e estreitou os laços entre a instituição e comunidade. Uma das etapas mais emocionantes envolveu cartas escritas pelas famílias aos filhos e também das crianças sobre “o que veem da janela para a sua casa”. A troca fortaleceu vínculos e evidenciou a escrita como prática social significativa.

PRODUÇÃO COLETIVA

Os estudantes assumiram o papel de jornalistas, produzindo notícias, poemas, relatos, entrevistas e ilustrações para um jornal eletrônico escolar. A etapa ampliou o protagonismo infantil e a integração de diferentes mídias. Em uma produção

coletiva, os alunos decoraram e escreveram mensagens em uma casa simbólica feita de papelão, registrando sonhos e expectativas para o futuro. A atividade reforçou o sentimento de pertencimento e a construção de sentidos compartilhados.



APRESENTAÇÕES E EXPOSIÇÃO ABERTA À COMUNIDADE ESCOLAR

A culminância reuniu textos, cartas, mapas, produções digitais e apresentações em uma exposição aberta às famílias e à comunidade escolar. O evento contou com leitura pública, contação de histórias, dramatizações e atividades acessíveis, reforçando a participação de todos. A avaliação do projeto seguiu uma abordagem processual e inclusiva, considerando engajamento, evolução textual, participação familiar, protagonismo infantil, respeito à diversidade e capacidade de relacionar vivências pessoais às produções escolares. Registros fotográficos, observação direta e rodas de conversa compuseram os instrumentos avaliativos.

O projeto se consolida como um espaço de formação leitora, encontro entre culturas e construção coletiva do conhecimento. As histórias lidas, produzidas e compartilhadas abriram caminhos para que cada criança percebesse que sua janela pode se abrir para infinitas possibilidades de aprendizagem, cidadania e esperança. Além disso, *Da minha janela para o mundo* conquistou grande impacto no município, sendo amplamente reconhecido e valorizado nas redes sociais, reflexo do engajamento da comunidade e da relevância pedagógica da iniciativa.

Ciep 411 - Escola Municipalizada Dr. Armando Leão Ferreira

Rua Rogério Fabrício, 411 – Engenho Pequeno – São Gonçalo/RJ

CEP: 24417-660

E-mail: ciep411xerox@gmail.com

Idealizadora do projeto: Renata Torres Carvalho

Fotos cedidas pela professora

CORAIS ESTÃO PERDENDO SUAS CORES

COLUNA SOCIOAMBIENTAL • POR LUIZ ANDRÉ FERREIRA*

Além do derretimento das geleiras e como consequência o aumento no nível do mar, já é possível detectar o desaparecimento de partes litorâneas, incluindo nações inteiras que ocupam ilhas. Porém, esse não é o único problema no ambiente marinho. Além de redução e até extinção de algumas espécies, há mais de duas décadas que vemos o embranquecimento dos corais, o que sinaliza a morte dessas estruturas. Suas cores, proteção e concentração de alimentos fazem desses organismos o berçário de boa parte da vida aquática.

Antes tarde do que nunca, foi lançada a Coalizão Corais do Brasil, formada por algumas entidades num esforço civil para a proteção dos ainda saudáveis e na tentativa de restauração dos comprometidos, reconhecendo a importância desses organismos para a biodiversidade, a prote-

ção das cidades e comunidades contra eventos climáticos extremos, a segurança alimentar, atividades econômicas e o equilíbrio do planeta.

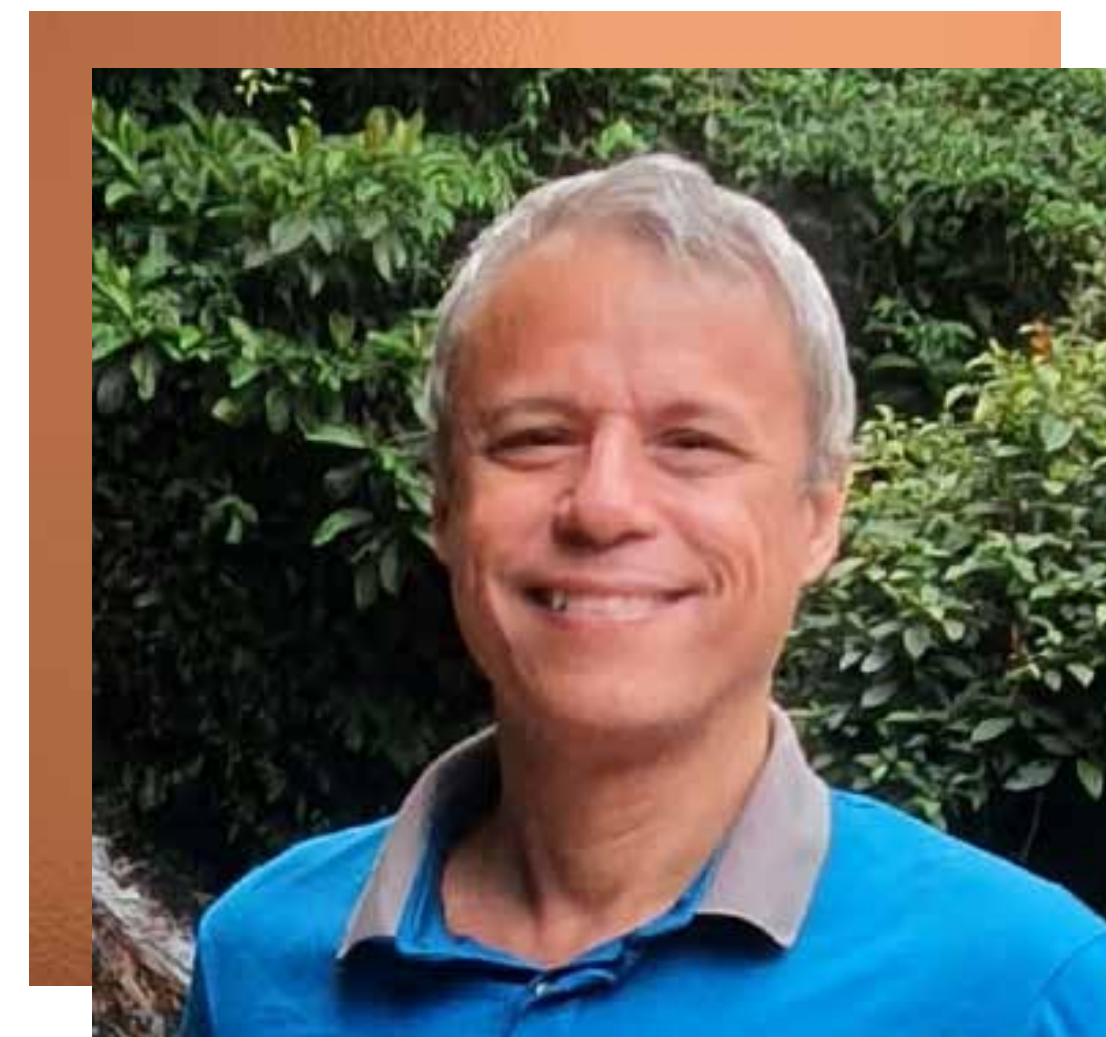
“Com a Coalizão, queremos integrar e potencializar esforços, com foco no impacto concreto e duradouro. Dessa forma, visamos ampliar impactos, influenciar políticas públicas, impulsionar soluções inovadoras, criar mecanismos de financiamento sustentáveis e projetar o protagonismo do Brasil na agenda global de conservação de corais”, afirma Malu Nunes, diretora-executiva da Fundação Grupo Boticário.

O movimento brasileiro conta ainda com a participação de outras instituições que também atuam com corais no Brasil, como Instituto Recifes Costeiros (Ircos), Conservação Internacional Brasil (CI-Brasil), Comissão Nacional para o Fortalecimento das Reservas Extrativistas e dos Povos Extrativistas Costeiros Marinhos (Confrem) e AquaRio.

“Defendemos soluções que unam ciência, direitos dos povos e comunidades tradicionais, sustentabilidade e justiça socioambiental. Queremos transformar os corais em símbolo de resiliência climática, cultura oceânica e futuro para as próximas gerações”, explica Mauricio Voivodic, diretor-executivo do WWF-Brasil.

RECIFES DE CORAL

Esses organismos ocupam menos de 0,1% do fundo dos oceanos, mas têm relevância ecológica essencial, oferecendo abrigo e alimento para cerca de 25% das espécies marinhas. No entanto, o aumento da temperatura das águas e a degradação desses ecossistemas aumenta a vulnerabilidade da costa à incidência de ressacas e erosões, principalmente em situações de eventos climáticos extremos, causando grandes danos e perdas materiais e imateriais.



*Luiz André Ferreira é professor universitário, jornalista, podcaster, Mestre em Bens Culturais e em Projetos Socioambientais.

Os recifes de corais geram ao Brasil até R\$ 167 bilhões em serviços de proteção costeira e turismo, segundo o estudo “Oceano sem mistérios: desvendando os recifes de corais”, de 2023. Desde março deste ano, a temperatura do oceano aumentou entre 0,3°C e 0,5°C, o suficiente para colocar os corais em risco. O fenômeno, descrito como “Febre Azul”, também tem agravado eventos extremos, como furacões e inundações. Segundo informações do relatório Global Tipping Points 2025, entre as regiões com maior índice de recifes de coral atingidos pela onda de calor marinha está o Nordeste brasileiro, que concentra os únicos ambientes recifais do Atlântico Sul, estendendo-se por cerca de 3.000 quilômetros ao longo da costa.

DA TELA PARA A SALA DE AULA

CONEXÃO EDUCAR

Filmes e séries que ajudam a transformar conteúdo em conversa e reflexão. Veja as dicas que preparamos para esse mês!



Foto por Sarinyapinngamvia Gettyimages.

Com a chegada da primeira edição do ano, a editoria [Conexão Educar](#) reafirma seu propósito: aproximar professores de novas fontes de inspiração para tornar as aulas mais dinâmicas, criativas e participativas. Nesta edição de janeiro, a coluna abre o ano convidando os educadores a explorarem o potencial das narrativas audiovisuais. Histórias, em filmes, séries ou animações, ampliam repertórios, despertam curiosidade e criam pontes valiosas entre a teoria e a prática. A proposta é simples e eficaz: o professor indica a obra, os alunos assistem onde preferirem e, depois, compartilham impressões em sala, abrindo espaço para diálogos mais profundos e conexões significativas com o conteúdo da disciplina. Confira as sugestões deste mês e leve ainda mais vivacidade para suas aulas!

Imagem de divulgação oficial via TMDb.



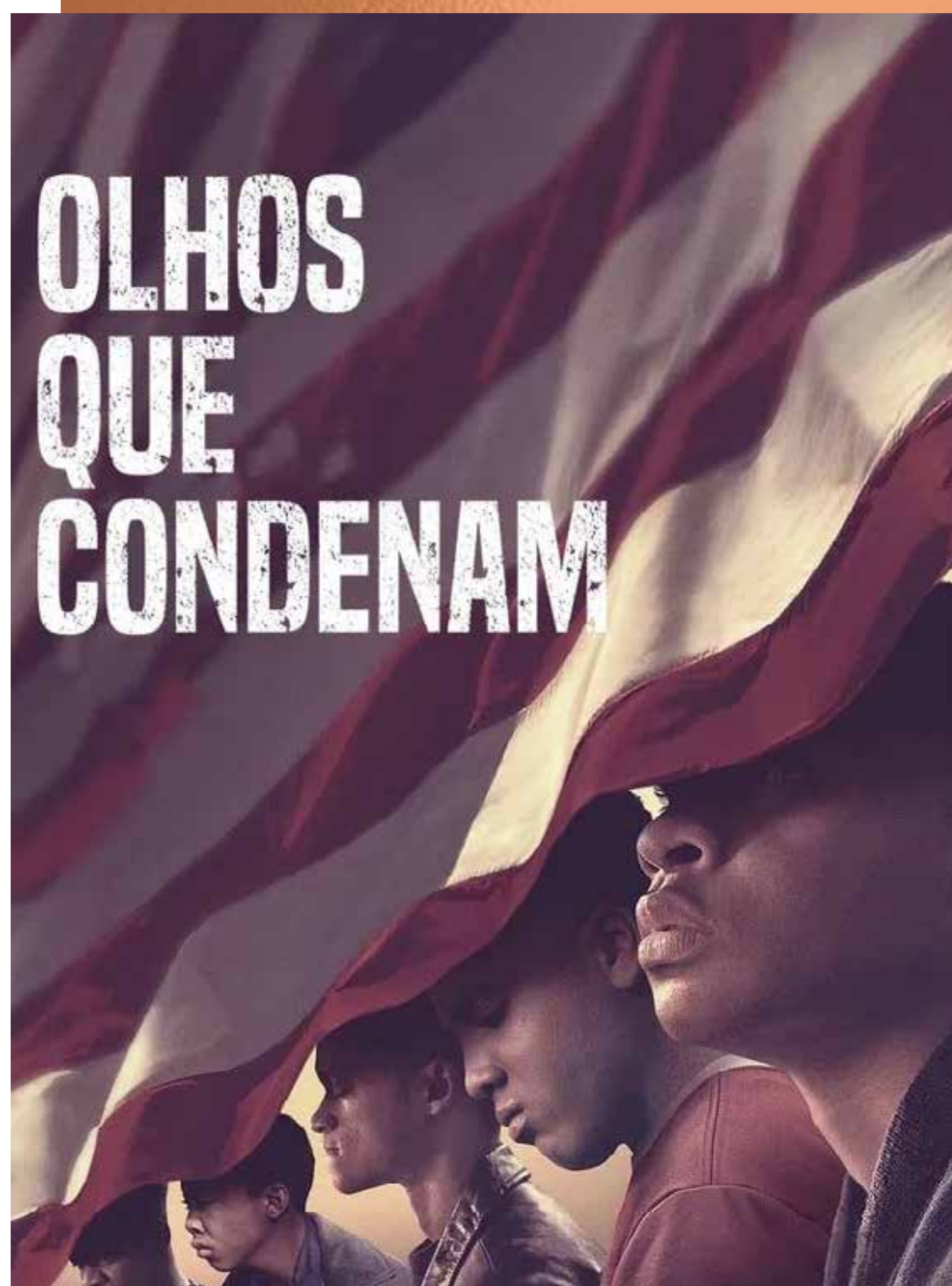
Extraordinário (filme): transmite lições valiosas sobre empatia e coragem, além de abordar temas como *bullying*, empatia, aceitação e diversidade. O conteúdo pode ser trabalhado em língua portuguesa, sociologia e ética.

Imagem de divulgação oficial via TMDB.



A teoria de tudo (filme): baseado na história real do renomado cientista Stephen Hawking, aborda temas como buracos negros, teoria do espaço-tempo, doenças degenerativas, limites humanos e o sentido da vida. O conteúdo pode ser trabalhado em física, biologia e filosofia.

Imagem de divulgação oficial via TMDB.

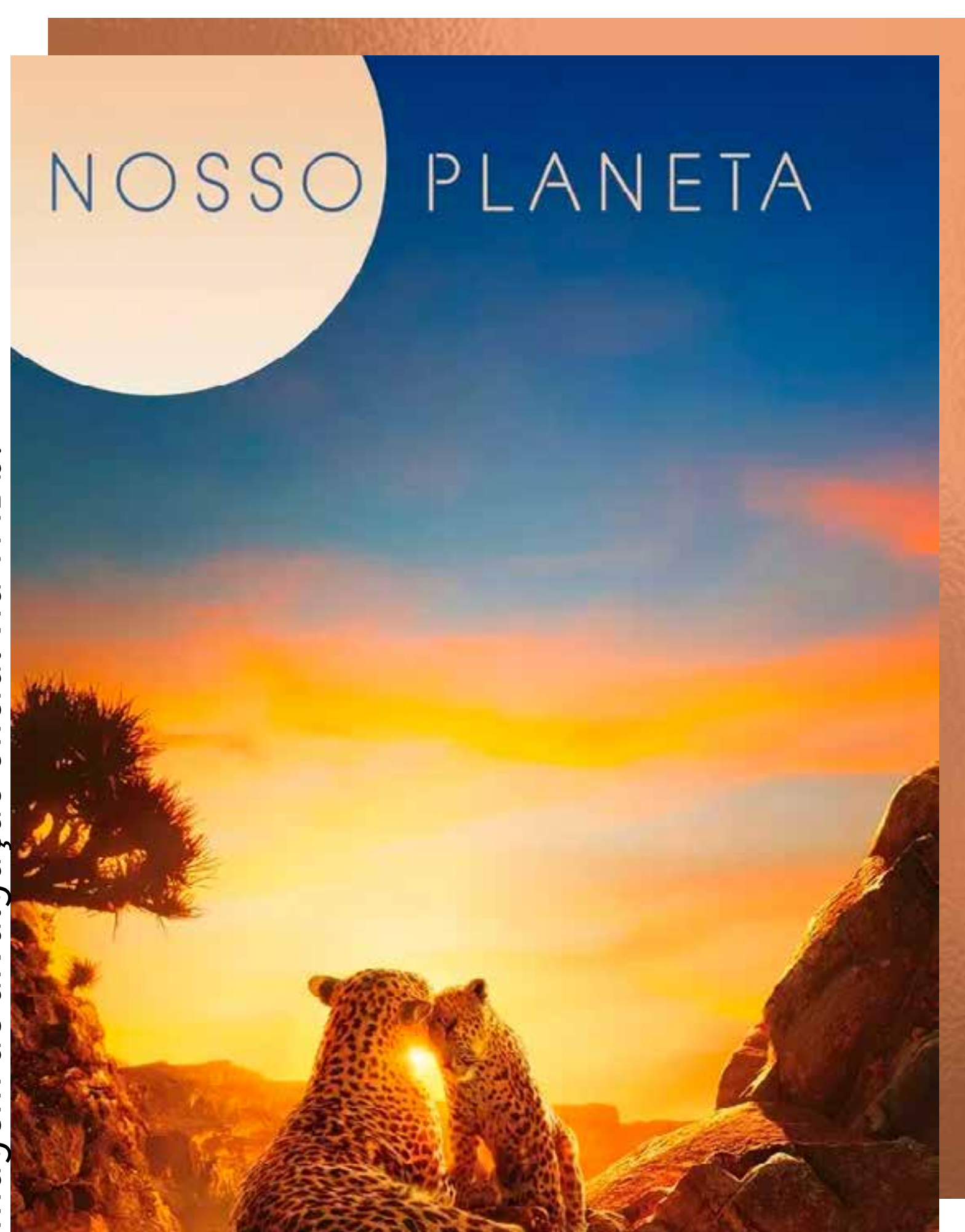


Olhos que condenam (série): baseada em uma história real, cinco adolescentes do Harlem vivem um pesadelo depois de serem injustamente acusados de um ataque brutal no Central Park. O conteúdo pode ser trabalhado em história e temas transversais.

Imagem de divulgação oficial via TMDB.



O menino que descobriu o vento (filme): baseado em uma história real, o que pode inspirar os estudantes a acreditarem no poder do conhecimento. O conteúdo pode ser trabalhado em ciências, geografia e ética.

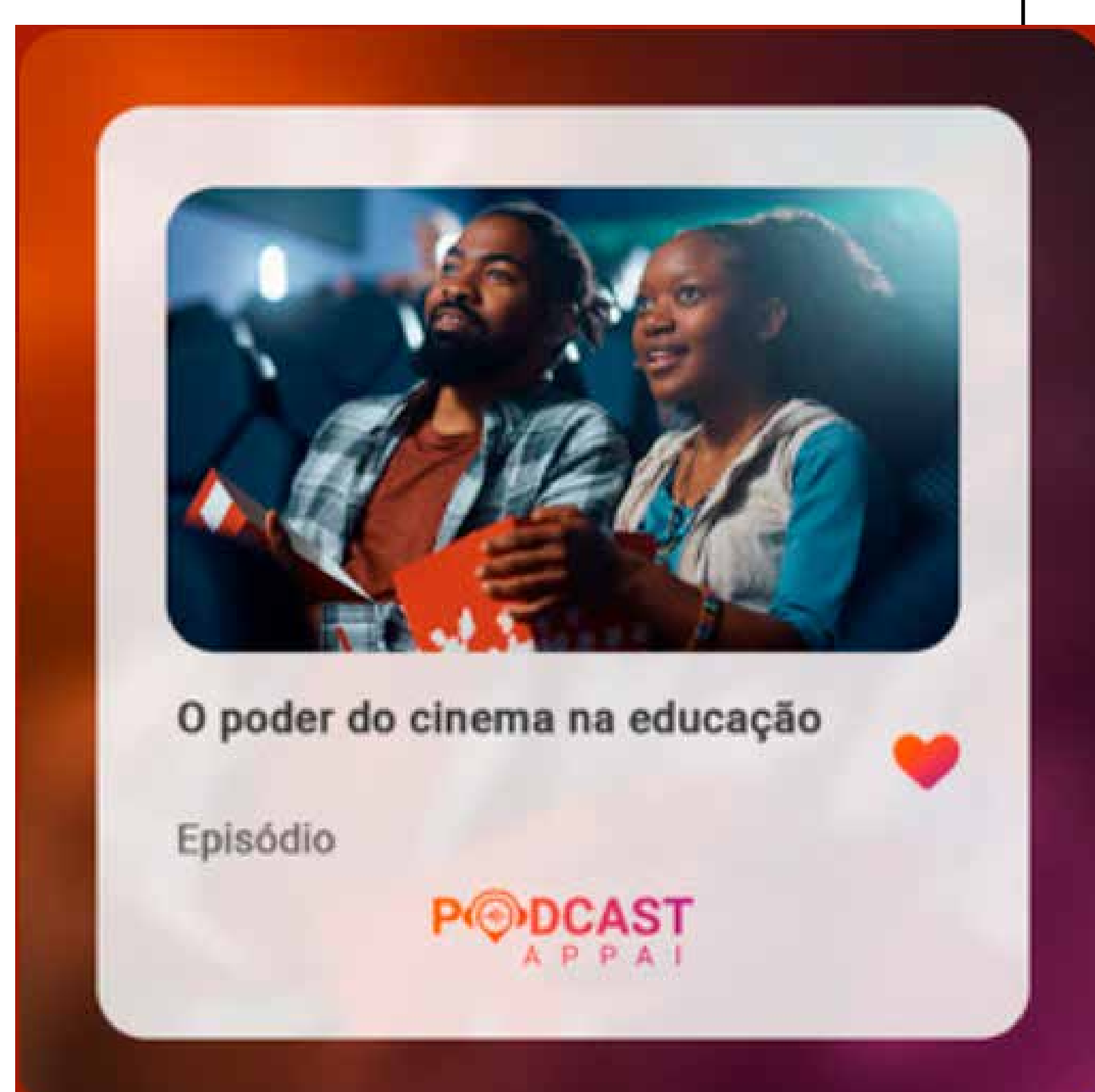


Nosso planeta (série documental):

com imagens nunca vistas, a série documental traz a beleza e a diversidade natural de nosso planeta e mostra como as mudanças climáticas têm impacto sobre todas as criaturas vivas. O conteúdo pode ser trabalhado em ciências e biologia.

Importante: as indicações são voltadas para turmas dos ensinos Fundamental II e Médio. Não deixe de observar a classificação indicativa de cada produção.

OUÇA TAMBÉM O PODCAST “O PODER DO CINEMA NA EDUCAÇÃO”



Neste episódio, além de sugestões de filmes, especialistas contextualizam e evidenciam por que o audiovisual é uma ferramenta tão poderosa para o aprendizado. Aperte o play e seja uma inspiração em suas aulas!

Para ouvir em outras plataformas de *streaming*, [acesse aqui](#).

CURTIU, PROFESSOR?

Se você tem alguma dica que adoraria ver aqui, não deixe de enviar para a gente pelo *e-mail* redacao@appai.org.br.

Vamos adorar compartilhar as suas sugestões!

Fontes: Consultoria de Paulo Rogério Rodrigues de Souza (Escola Bilíngue Aubrick), Juliana Nico (Escola Internacional de Alphaville) e Aline Souza (Brazilian International School).

Professor, agora ficou muito mais fácil publicar seus projetos na Revista Appai Educar Digital!

Esqueça os e-mails: tudo está automatizado!
Basta acessar o link, preencher o formulário e pronto.
Rápido, prático e sem complicações.

Clique aqui e envie

